

Gasto domiciliar com alimentos: uma análise para a Região Centro-Oeste¹

Household expenditure with foods: one analysis for the “Centro-Oeste” Region

Madalena Maria Schlindwein²
Alexandre Bandeira Monteiro e Silva³

Resumo: Este estudo tem como meta fazer uma análise preliminar dos dados referentes ao padrão de gastos domiciliares com um grupo selecionado de alimentos, considerando os estados da região Centro-Oeste do Brasil. Será avaliada a influência de fatores socioeconômicos, como: o nível de renda; o custo de oportunidade do tempo da mulher, medido em termos de escolaridade; e, o trabalho da mulher, sobre o padrão de gasto alimentar domiciliar, nos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e no Distrito Federal. Os dados utilizados são oriundos da Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF 2002-2003, realizada pelo IBGE. Os resultados encontrados apontam uma relação direta entre o custo de oportunidade do tempo da mulher e o gasto familiar com alimentos que demandam um menor tempo de preparo e, uma relação inversa com a aquisição e gasto com alimentos “tempo-intensivos”. O nível de renda apresentou uma relação direta com o dispêndio de praticamente todos os alimentos analisados.

Palavras-chaves: Padrão de Gasto, Nível de Instrução, Fatores Socioeconômicos.

Abstract: This study aims to provide a preliminary analysis of data on the pattern of household expenditures with a selected group of foods, considering the states of the region “Centro-Oeste” of the Brazil. Will be assessed the influence of socioeconomic factors, such as income level, the cost of opportunity of women's time, measured in terms of schooling, women's work on the pattern of household food expenditure in the states of Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás and Distrito Federal. The used data are from the Research of Family Budgets - POF 2002-2003, accomplished by IBGE. The results show a direct relationship between the cost of opportunity of woman's time and the expenditure of family with food that require less preparation time and an inverse relation to the acquisition and spending on food "time-intensive." The level of income presented a direct relation to the expenditure of nearly all foods analyzed.

Key Words: Spending Pattern, Instruction level, Socioeconomics' factors.

JEL: D12, E21, J11.

Introdução

O intuito deste artigo é fazer uma análise preliminar da influência de alguns determinantes socioeconômicos e demográficos como o nível de renda, a escolaridade e o trabalho da mulher sobre o padrão de gasto domiciliar com um grupo selecionado de alimentos na região Centro-Oeste brasileira.

Estudos sobre a influência de variáveis socioeconômicas e demográficas no padrão de consumo ou gasto alimentar são bastante incipientes no Brasil. A região Centro-Oeste apresenta uma deficiência maior ainda no que se refere a esse tipo de pesquisas. Trata-se de uma região bastante próspera e carente de estudos

¹ Artigo recebido em outubro de 2010 e aprovado em fevereiro de 2011.

² Doutora em Ciências (Economia Aplicada), pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - Esalq-USP. Professora e Pesquisadora da Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia - UFGD-FACE. E-mail: madalenaschlindwein@ufgd.edu.br

³ Doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor e Pesquisador da Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia - UFGD /FACE. E-mail: alexandresilva@ufgd.edu.br

empíricos, nas mais diversas áreas do conhecimento. Neste sentido, este trabalho busca dar continuidade a uma série de estudos com enfoque em análises de padrões de consumo e de gasto domiciliar com alimentos para o Centro-Oeste brasileiro.

Diversos autores, dentre os quais citam-se Schlindwein (2006), Schlindwein e Kassouf (2006 e 2007) e Hoffmann (1995), já comprovaram que fatores socioeconômicos e demográficos influenciam consideravelmente o padrão de consumo alimentar domiciliar no Brasil. Essa constatação se dá em paralelo a importantes mudanças socioeconômicas e demográficas no que se refere à composição das famílias, a participação da mulher no mercado de trabalho, a urbanização, entre outras.

Enquanto nos últimos 25 anos as taxas de atividade masculina mantiveram-se em patamares semelhantes (75%), as das mulheres se ampliaram significativamente, passando de 30% no início dos anos 80 para 45% em 2003, segundo o IBGE (2004a).

Quando se compara a participação da mulher no mercado de trabalho e a taxa de urbanização, verifica-se uma forte inter-relação entre essas duas variáveis. Considerando-se praticamente o mesmo período, 1980 a 2000, tem-se um acréscimo de quase 14 pontos percentuais na taxa de urbanização (IBGE, 2004a).

Essas mudanças se incluem numa nova tendência de gastos com alimentação como, por exemplo, o aumento no consumo de alimentos prontos e da alimentação fora de casa e a mudança do consumo de alimentos tradicionais “tempo-intensivos” para o consumo de alimentos de fácil e rápido preparo. Além disso, têm-se no Brasil significativas variações nos padrões de consumo entre as diferentes regiões do país.

A restrição de tempo das mulheres nas áreas urbanas resulta em mudanças de hábitos, passando de uma dieta básica tradicional, para uma contendo alimentos processados ou preparados (RUEL; HADDAD; GARRETT, 1999). Assim, o maior consumo de alimentos processados e preparados nas áreas urbanas é, em grande parte, devido ao custo de oportunidade do tempo da mulher. Este fato foi comprovado por Senauer, Sahn e Alderman (1986) que, utilizando dados do Sri Lanka, concluíram que o valor do tempo da mulher tem um efeito positivo no consumo de pão e um efeito negativo no consumo de arroz, que é um produto que exige um maior tempo para o seu preparo; e por Schlindwein (2006), em um estudo sobre a influência do custo de oportunidade do tempo da mulher sobre o padrão de consumo alimentar das famílias brasileiras.

1.1 O Problema e sua Importância

Muitos estudos analisaram os efeitos de fatores socioeconômicos e demográficos nos padrões de consumo de alimentos, dentre estes, vários autores já identificaram a importância de variáveis como a renda, raça, local de residência, tamanho e composição da família e o valor do tempo da mulher em mudanças nos padrões de consumo, para várias regiões do mundo: [Prochaska e Schrimper (1973); Senauer (1979); Redman (1980); Senauer, Sahn e Alderman (1986); McCracken e Brandt (1987); Park e Capps (1997); Sdrali, (2005); Sichier, Castro e Moura (2005)].

Especificamente para o Brasil, há poucos estudos com esse nível de desagregação dos fatores que podem influenciar os padrões de consumo e de gasto

com alimentos. Entre eles destacam-se os trabalhos de: Schlindwein (2006), que analisou a influência do custo de oportunidade do tempo da mulher sobre o padrão de consumo alimentar das famílias brasileiras; Schlindwein e Kassouf (2007), com o estudo das mudanças no padrão de consumo de alimentos tempo-intensivos e de alimentos poupadores de tempo, por região, no Brasil; Schlindwein e Kassouf (2006), com a análise da influência de alguns fatores socioeconômicos e demográficos no consumo domiciliar de carnes no Brasil; Hoffmann (1995), que analisou o efeito da urbanização sobre o consumo de feijão; e Bertasso (2000), que fez uma análise sobre os efeitos de algumas variáveis socioeconômicas sobre o padrão de consumo de alimentos. Esses estudos foram feitos para análises mais macroeconômicas, ou seja, para o país como um todo ou Grandes Regiões. Verifica-se, portanto, uma lacuna a ser preenchida com trabalhos regionais, enfocando as Unidades da Federação.

Neste íterim, surgem questões como: qual é o gasto domiciliar médio com alimentos como arroz, feijão, carnes, farinha de trigo, pães, alimentos prontos, refrigerantes e sucos e alimentação fora de casa nos estados da Região Centro-Oeste - Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e no Distrito Federal? Qual é o nível de gasto com esses produtos nesses estados se comparado com o gasto médio da região Centro-Oeste como um todo e da média nacional? Como varia o nível médio de gasto com os alimentos quando se considera variáveis como: os diferentes níveis de rendimento familiar; o grau de instrução; e, o trabalho da mulher?

Com o intuito de responder a estas questões e tentar preencher essa lacuna, se optou por fazer este estudo. O objetivo é fazer, preliminarmente, uma análise da influência de variáveis como o custo de oportunidade do tempo da mulher (dado em anos de escolaridade), o nível de renda familiar e o trabalho da mulher sobre o padrão de gasto das famílias residentes na região Centro-Oeste com um grupo selecionado de alimentos. Também se fará uma comparação entre os valores encontrados para os diferentes estados do Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás) e para o Distrito Federal, com a média da região.

Espera-se comprovar a hipótese de que para a análise dos estados acima citados e, considerando apenas a área urbana, ainda assim com o aumento do custo de oportunidade do tempo da mulher, haja um aumento nos gastos com bens que podem ser considerados “poupadores de tempo” e uma redução nos gastos com bens considerados “tempo-intensivos”.

2 Metodologia

2.1 Área de estudo: região Centro-Oeste

A região Centro-Oeste é composta pelos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e do Distrito Federal. Possui uma área total de aproximadamente 1.606.371,505 km², o que corresponde a 18,86% do território nacional, tornando-a a segunda maior região em extensão territorial do país (IBGE, 2009). No entanto, sua população é a menor do Brasil com 13.269.517 habitantes, representando 7% da população nacional (IBGE, 2008).

Na economia, segundo o IBGE (2007), a participação do Centro-Oeste no PIB é de 8,87%, com destaque para o Distrito Federal, 3,76% de participação. Os produtos são principalmente primários (grãos, cereais, produtos de gênero

alimentício). A agroindústria é o setor econômico mais importante da região. Trata-se da maior produtora de soja, sorgo, algodão em pluma e girassol. Responde pela segunda maior produção de arroz no país e ocupa a terceira posição na produção de milho. O Centro-Oeste também possui o maior rebanho bovino do país, com 58 milhões de cabeças. As indústrias são principalmente do setor de alimentos e de produtos como adubos, fertilizantes e rações, além de frigoríficos e abatedouros.

As principais cidades da região são: Brasília-DF (2.557.158 hab), Goiânia-GO (1.265.394 hab), Campo Grande-MS (747.189 hab), Cuiabá-MT (544.737 hab), Aparecida de Goiânia-GO (494.919 hab), Anápolis-GO (331.329 hab), Várzea Grande-MT (237.925 hab), Luziânia-GO (203.800 hab) e Dourados-MS (187.601 hab) (IBGE, 2008).

2.2 Fonte dos dados

Os dados utilizados neste trabalho são oriundos da Pesquisa de Orçamentos Familiares - (POF) 2002-2003, realizada pelo IBGE. Pesquisa essa que visou mensurar, fundamentalmente, as estruturas de consumo, dos gastos e dos rendimentos das famílias, o que possibilita traçar um perfil das condições de vida da população brasileira a partir da análise de seus orçamentos domésticos. A coleta dos dados da referida pesquisa foi realizada nas áreas urbanas e rurais, em todo o território nacional, no período de julho de 2002 a junho de 2003, sendo entrevistados um total de 48.470 domicílios.

O desenho da amostra da POF 2002-2003 foi estruturado de forma a permitir a publicação dos resultados para o Brasil, Grandes Regiões e também por situação do domicílio rural-urbano. No entanto, como, para as Unidades da Federação, os resultados correspondem apenas à situação urbana, o enfoque principal deste estudo será o de analisar a situação urbana.

Para a realização deste trabalho serão utilizadas as publicações impressas da POF 2002-2003, os microdados da referida pesquisa, além de outras fontes, como sites oficiais da Internet e artigos científicos.

2.3 Métodos de análise

Para a análise descritiva dos dados será utilizado o software STATA, para o cálculo das médias e montagem das tabelas de inter-relações entre as variáveis. Após a montagem dessas tabelas os dados serão analisados e discutidos na forma de análise preliminar dos dados. Selecionou-se dois grupos de alimentos: o primeiro considerado “tempo-intensivo”, uma vez que demanda um maior tempo de preparo, representado por: feijão, arroz, carnes e farinha de trigo; e o segundo, considerado “poupador de tempo”, já que não necessita de muito esforço para o preparo, a saber: pão, refrigerantes e sucos, iogurtes; alimentos prontos e alimentação fora de casa. Essa análise permitirá verificar, de forma preliminar, a influência ou não de fatores socioeconômicos e demográficos no gasto domiciliar com alimentos nos estados da região Centro-Oeste bem como no Distrito Federal.

3 Resultados e Discussões

A discussão dos resultados segue a análise fazendo inicialmente uma comparação entre o gasto domiciliar de alguns alimentos constantes na cesta básica entre a região Centro-Oeste e a média nacional, considerando a situação do domicílio, urbana-rural. A seguir, se discutirá o gasto com esse grupo de alimentos nos estados da região, comparando-os com a média da região. Também se fará uma análise do gasto médio com os alimentos por estado, considerando as diferentes classes de rendimento, o nível de instrução e o trabalho da mulher.

3.1 Gasto domiciliar médio mensal na região Centro-Oeste brasileira

Destaque-se o gasto domiciliar bem mais elevado no meio rural com o consumo de produtos como: arroz, feijão, carnes, farinha de trigo, produtos tempo intensivos. Fato esse, que pode estar relacionado à mudança de hábitos alimentares, devido ao processo de urbanização e conseqüentemente à grande participação da mulher no mercado de trabalho, uma vez que se trata de produtos que demandam um maior tempo para o seu preparo. Comportamento esse comum tanto para o gasto para o Brasil, quanto para a região Centro-Oeste, como pode ser observado na Tabela 1.

Alguns produtos se destacam por apresentar um gasto médio mensal familiar muito menor no meio rural em comparação ao urbano. Em uma análise para o Brasil, a maior diferença é observada com o consumo de alimentos prontos, enquanto se gasta em média R\$ 5,43, se gasta R\$ 6,17 no meio urbano e apenas R\$ 1,32 no rural, ou seja, o gasto urbano é 367% superior ao rural. O iogurte, que aparece em segundo lugar, com um gasto médio de R\$ 1,93 no Brasil, R\$ 2,17 na área urbana e R\$ 0,64 na rural, apresenta um gasto 239% maior no meio urbano em relação ao rural. O gasto médio mensal com o consumo de pão, que é de R\$ 16,84 no Brasil, é 148% maior no meio urbano. No caso dos refrigerantes e sucos, o gasto médio para o Brasil é de R\$ 8,40 e o gasto urbano é 134% superior ao rural. Quanto ao gasto com alimentação fora de casa, enquanto se gasta, em média, R\$ 66,80 no Brasil, se gasta R\$ 73,07 na área urbana e R\$ 32,08 na rural, neste caso o gasto urbano é 128% maior que o rural. No caso da carne, não houve uma diferença muito significativa no seu gasto médio entre as áreas urbana e rural, tanto na média nacional quanto para a região Centro-Oeste, como mostra a Tabela 1.

Quando se faz a análise do dispêndio domiciliar, considerando a região Centro-Oeste, se verifica a mesma diferença de gasto entre o meio rural e urbano encontrada na média nacional. Destaca-se um gasto significativamente superior com os produtos considerados “tempo intensivos” – feijão, arroz, farinha de trigo e carnes – no meio rural em comparação com o gasto domiciliar urbano.

Tabela 1 - Gasto domiciliar médio mensal urbano e rural, Brasil e região Centro-Oeste – 2002-2003

PRODUTOS	GASTO DOMICILIAR MÉDIO MENSAL – EM R\$					
	Brasil			Região Centro-Oeste		
	Total	Urbano	Rural	Total	Urbano	Rural
Arroz	14,16	12,96	20,82	18,23	16,67	29,95
Feijão	8,01	6,79	14,76	6,80	6,31	10,51
Farinha de Trigo	2,54	2,12	4,89	2,00	1,64	4,63
Carnes*	45,14	44,64	47,91	40,04	39,24	46,04
Iogurte	1,93	2,17	0,64	1,45	1,56	0,64
Pão	16,84	18,54	7,46	12,64	13,82	3,72
Refrigerantes e sucos	8,40	9,20	3,93	7,58	7,85	5,54
Alimentação Fora de casa	66,80	73,07	32,08	57,74	61,09	32,52
Alimentos Prontos	5,43	6,17	1,32	3,57	3,91	1,00

Fonte: Dados da pesquisa, obtidos a partir do IBGE (2004b).

Nota: * Carnes bovina, suína e de frango.

Já quando se considera os produtos considerados “poupadores de tempo” – iogurte, pão, refrigerantes e sucos e alimentos prontos se observa exatamente o oposto, ou seja, um gasto domiciliar médio bastante superior no meio urbano em relação ao rural. No caso da alimentação fora de casa, enquanto se gasta em média R\$ 32,52 por domicílio no meio rural, no urbano esse valor passa para R\$ 61,09, o que representa praticamente o dobro do verificado na área rural. Em uma análise da região Centro-Oeste em comparação aos valores médios para o Brasil, destaque-se o gasto domiciliar médio mensal com arroz, R\$ 18,23, valor 29% acima da média nacional (R\$ 14,16).

3.2 Gasto domiciliar médio nos estados da região Centro-Oeste

Na região Centro-Oeste, o item mais representativo é a alimentação fora de casa (R\$ 57,74), sendo um pouco maior no setor urbano (R\$ 61,09), enquanto que na área rural o gasto é 44% inferior à média regional (R\$ 32,52). Já nos estados da região, se verifica um gasto de R\$ 56,32 no Mato Grosso do Sul, valor um pouco inferior a média da região. Destaque-se uma média de gasto de R\$ 116,16 no Distrito Federal, mais que o dobro do valor médio de Mato Grosso do Sul e da média regional, como pode ser confirmado na Tabela 2.

As carnes são o segundo item com maior dispêndio domiciliar no Centro-Oeste (R\$ 40,04). Na área rural, ocorre um gasto 15% superior a média regional. Quanto aos estados, apenas Mato Grosso do Sul (R\$ 42,95) e Mato Grosso (R\$ 41,37) apresentaram valores acima da média regional, enquanto Goiás (R\$ 39,62) e o Distrito Federal (R\$ 36,62) estão um pouco abaixo da média da região.

Tabela 2 - Gasto domiciliar médio mensal, região Centro-Oeste e estados – 2002-2003

PRODUTOS	GASTO DOMICILIAR MÉDIO MENSAL – EM R\$						
	Região Centro-Oeste			Estados			
	Total	Urbano	Rural	MS	MT	GO	DF
Arroz	18,23	16,67	29,95	17,88	18,77	20,46	12,38
Feijão	6,80	6,31	10,51	6,03	7,27	7,50	5,29
Farinha de Trigo	2,00	1,64	4,63	3,40	3,79	1,10	0,73
Carnes*	40,04	39,24	46,04	42,95	41,37	39,62	36,62
Iogurte	1,45	1,56	0,64	1,43	1,18	1,09	2,68
Pão	12,64	13,82	3,72	11,40	8,98	12,23	19,13
Refrigerantes e sucos	7,58	7,85	5,54	7,43	7,55	6,42	10,66
Alimentação Fora de casa	57,74	61,09	32,52	56,32	42,17	42,10	116,16
Alimentos Prontos	3,57	3,91	1,00	4,26	4,04	2,45	5,12

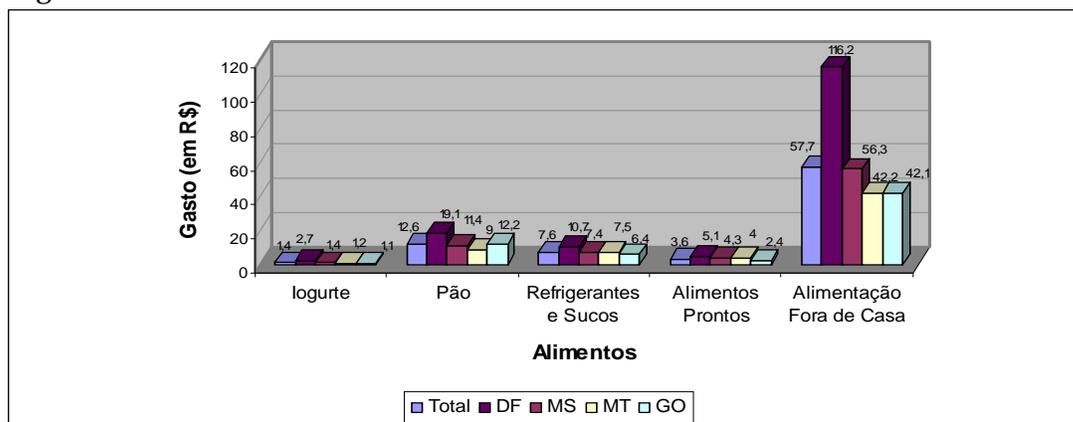
Fonte: Dados da pesquisa, obtidos a partir do IBGE (2004b).

Nota: * Carnes bovina, suína e de frango.

O gasto para todos os itens tempo-intensivos encontra-se acima da média da região no setor rural e abaixo da média na área urbana. Já os alimentos poupadores de tempo tendem a ter um gasto superior a média regional na área urbana e inferior na área rural. Este fato, provavelmente está relacionado ao maior número de mulheres inseridas no mercado de trabalho nas zonas urbanas, reduzindo o tempo disponível para o preparo dos alimentos. Diante disso, as mulheres tendem a reduzir o dispêndio de tempo no preparo de alimentos como arroz, feijão e carnes e consumir mais alimentos de rápido e fácil preparo.

No Distrito Federal, todos os alimentos poupadores de tempo estiveram muito acima da média regional, com destaque para os iogurtes, com um gasto 85% acima da média do Centro-Oeste e 146% maior que o de Goiás, que detém o menor gasto com o produto. Mato Grosso do Sul apresentou o maior gasto para os alimentos prontos (R\$ 4,26), valor este 74% superior ao de Goiás (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Gasto domiciliar médio mensal com alimentos “poupadores de tempo” - Região Centro-Oeste e estados



Fonte: Dados da pesquisa, obtidos a partir do IBGE (2004).

Em Goiás, apenas os itens mais básicos da cesta de alimentos, o arroz e o feijão, apresentaram médias superiores as do Centro-Oeste, respectivamente, R\$

20,46 e R\$ 7,50. Enquanto que no Mato Grosso, todos os alimentos temporários estão acima da média regional.

3.3 Gasto domiciliar médio mensal por classes de rendimento na região Centro-Oeste

Conforme a Tabela 3, observa-se que os gastos para os itens arroz, feijão e farinha de trigo tendem a crescer, a medida que aumenta o nível de rendimento até o valor de R\$ 1.600,00. A partir de então, os gastos com estes alimentos se reduzem.

Todos os alimentos poupadores de tempo e as carnes mostraram uma relação diretamente proporcional a elevação no nível de renda, ou seja, quanto maior o rendimento, maior será o gasto com estes produtos.

Há uma forte variação nos gastos com os alimentos de acordo com as classes de renda. Para os níveis de rendimentos inferiores a R\$ 400,00, as carnes (R\$ 23,00) e o arroz (R\$ 16,80) são os itens mais representativos da cesta, enquanto os iogurtes (R\$ 0,71) e os alimentos prontos (R\$ 0,46) são os menos representativos. Apenas o feijão possui gasto superior a média regional.

Para a classe de rendimento entre R\$ 400,00 até R\$ 600,00, as carnes são o produto com maior gasto (R\$ 30,51), contudo a alimentação fora de casa surge como o segundo maior gasto na cesta de alimentos, com R\$ 22,03. O iogurte (R\$ 0,71) e os alimentos prontos (R\$ 1,38) continuam sendo os itens com menor gasto. Todos os alimentos estão abaixo da média de gasto regional, exceto o arroz (R\$ 19,89). No entanto, é importante destacar que a média de gasto destes produtos crescem (exceto o feijão) quando comparado a média da classe de rendimento inferior a R\$ 400,00.

Tabela 3 - Gasto domiciliar médio mensal na região Centro-Oeste, por classes de rendimento – 2002-2003

PRODUTOS	GASTO DOMICILIAR MÉDIO MENSAL – EM R\$						
	Região Centro-Oeste						
	Total	Classes de Rendimento (em R\$)					
Até 400		400 até 600	600 até 1.000	1.000 até 1.600	1.600 até 3.000	Mais de 3.000	
Arroz	18,23	16,80	19,89	17,98	21,14	18,32	14,64
Feijão	6,80	6,98	6,70	6,95	7,39	6,36	6,15
Farinha de Trigo	2,00	1,42	1,59	2,47	2,72	1,78	1,63
Carnes*	40,04	23,00	30,51	36,74	46,35	54,13	55,05
Iogurte	1,45	0,71	0,71	1,02	1,64	1,88	3,27
Pão	12,64	5,69	8,27	10,12	13,52	17,24	24,75
Refrigerantes e sucos	7,58	2,58	4,46	5,95	7,41	11,53	16,30
Alimentação F. de casa	57,74	13,34	22,03	35,16	55,56	85,02	167,75
Alimentos Prontos	3,57	0,46	1,38	1,58	2,42	5,04	13,33

Fonte: Dados da pesquisa, obtidos a partir do IBGE (2004b).

Nota: * Carnes bovina, suína e de frango.

Os rendimentos entre R\$ 600,00 até R\$ 1.000,00 tem as carnes (R\$ 36,74) e a alimentação fora de casa (R\$ 35,16), como maiores gastos, e o iogurte (R\$ 1,02) e os alimentos prontos (R\$ 1,58) como menores.

Para os rendimentos superiores a R\$ 1.000,00, a alimentação fora de casa torna-se o item com maior gasto familiar no Centro-Oeste, seguido das carnes. Sendo que a diferença de gastos com esses itens aumenta à medida que se eleva o nível de renda, chegando a 205% para os rendimentos maiores que R\$ 3.000,00. Os pães e refrigerantes e sucos também acompanharam esse crescimento, chegando a superar o nível de gasto com arroz. Já a farinha de trigo passa gradualmente a ser o item menos representativo, como pode ser observado na Tabela 3.

Quando se faz uma análise dos gastos por níveis de rendimento considerando os estados da região Centro-Oeste, observa-se, no Mato Grosso do Sul uma forte semelhança com a média regional, conforme a Tabela 4.

Tabela 4 - Gasto domiciliar médio mensal, nos estados da região Centro-Oeste, por classes de rendimento – 2002-2003

PRODUTOS	GASTO DOMICILIAR MÉDIO MENSAL – EM R\$						
	Região Centro-Oeste						
	Total	Classes de Rendimento (em R\$)					
		Até 400	400 até 600	600 até 1.000	1.000 até 1.600	1.600 até 3.000	Mais de 3.000
Mato Grosso do Sul							
Arroz	17,88	10,32	15,14	19,68	22,36	22,00	13,10
Feijão	6,03	5,39	5,09	6,58	7,32	5,38	5,54
Farinha de Trigo	3,40	3,04	2,65	3,66	4,51	2,91	3,13
Carnes*	42,95	20,74	30,00	36,38	47,27	60,21	78,13
Iogurte	1,43	0,76	0,82	1,03	1,11	1,96	4,26
Pão	11,40	6,44	8,93	9,16	12,12	15,22	21,11
Refrigerantes e sucos	7,43	1,82	3,90	5,91	7,18	13,16	16,92
Alimentação F. de casa	56,32	15,16	30,06	43,03	64,16	84,26	134,81
Alimentos Prontos	4,26	1,17	1,82	2,13	2,18	5,27	20,67
Mato Grosso							
Arroz	18,77	19,44	20,25	17,92	22,39	16,20	14,07
Feijão	7,27	7,65	7,76	7,51	7,45	6,29	6,12
Farinha de Trigo	3,79	2,71	3,18	4,68	4,50	4,00	2,46
Carnes*	41,37	26,99	32,90	39,27	46,47	53,74	61,06
Iogurte	1,18	0,72	0,52	0,88	1,58	1,78	2,45
Pão	8,98	5,29	6,70	7,28	9,21	11,73	20,81
Refrigerantes e sucos	7,55	3,39	5,22	6,23	9,04	11,88	13,97
Alimentação F. de casa	42,17	10,93	16,32	22,67	50,63	80,46	132,29
Alimentos Prontos	4,04	0,49	2,60	2,26	2,26	9,96	13,04
Goiás							
Arroz	20,46	18,47	23,52	19,38	23,59	20,22	16,76
Feijão	7,50	7,64	7,35	7,51	8,39	6,37	7,30
Farinha de Trigo	1,10	0,69	0,73	1,33	1,66	0,59	1,74
Carnes*	39,62	22,31	32,51	37,56	49,60	55,26	57,14
Iogurte	1,09	0,52	0,60	0,83	1,29	1,41	2,97
Pão	12,23	5,10	8,15	10,76	14,04	19,15	26,27
Refrigerantes e sucos	6,42	2,55	4,79	5,62	6,64	11,22	13,03
Alimentação F. de casa	42,10	11,94	20,42	32,02	46,60	70,04	124,84
Alimentos Prontos	2,45	0,13	0,58	0,71	2,46	3,06	13,76
Distrito Federal							
Arroz	12,38	10,67	10,64	11,31	11,02	14,12	13,63
Feijão	5,29	3,83	4,45	4,84	4,58	7,20	5,44
Farinha de Trigo	0,73	0,42	0,32	0,73	0,98	0,72	0,80
Carnes*	36,62	21,55	16,49	30,58	35,97	47,62	44,05
Iogurte	2,68	1,78	1,44	1,86	3,35	2,69	3,45
Pão	19,13	8,97	10,90	14,14	19,67	20,91	25,93
Refrigerantes e sucos	10,66	2,11	2,35	6,55	7,64	10,36	19,45
Alimentação F de casa	116,16	24,47	26,11	54,24	76,34	114,55	223,91
Alimentos Prontos	5,12	1,32	1,88	2,40	2,85	3,50	10,72

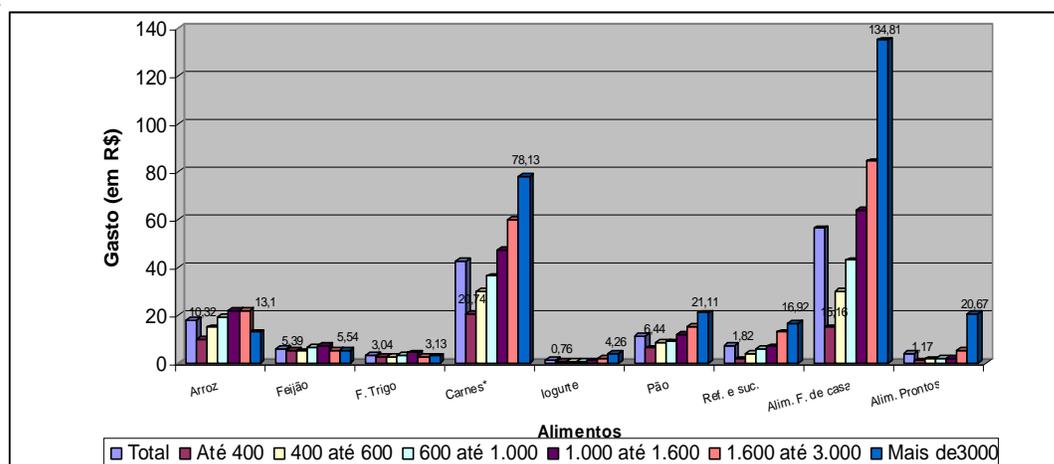
Fonte: Dados da pesquisa, obtidos a partir do IBGE (2004b).

Nota: * Carnes bovina, suína e de frango.

De acordo com a Tabela 4 verifica-se que todos os itens poupadores de tempo e as carnes possuem gastos mais elevados a medida que cresce o rendimento. A diferença nos gastos entre as carnes e a alimentação fora de casa chega a 73% no estado quando os rendimentos são máximos. A farinha de trigo, alimento fortemente consumido na região, apresentou uma queda nos gastos entre as classes de renda de R\$ 1.600,00 até R\$ 3.000,00, porém torna a crescer quando o rendimento é superior a R\$ 3.000,00.

Em uma comparação entre o gasto com os alimentos considerando o maior e o menor rendimento, verifica-se uma forte variação, como pode ser observado no Gráfico 2. Tais diferenças, em ordem crescente, foram de: 228% para os pães; 277% para as carnes; 461% para os iogurtes; 789% para a alimentação fora de casa; 830% para os refrigerantes e sucos; e 1.667% para os alimentos prontos.

Gráfico 2 – Gasto domiciliar médio mensal com alimentos no Mato Grosso do Sul, por classe de rendimento



Fonte: Dados da pesquisa, obtidos a partir do IBGE (2004).

O estado de Mato Grosso apresentou tendência semelhante a da região Centro-Oeste e de Mato Grosso do Sul. Com destaque para as carnes e a alimentação fora de casa que são os itens mais representativos no estado. Quando se analisa a diferença de gasto entre a maior e a menor classe de rendimento, têm-se os seguintes valores, em ordem crescente: 126% para as carnes; 240% para os iogurtes; 293% para os pães; 312% para os refrigerantes e sucos; 1.110% para a alimentação fora de casa; e 2.561% para os alimentos prontos. Já os itens arroz, feijão e farinha de trigo apresentaram variação negativa, uma vez que o gasto com tais produtos é menor para níveis de renda familiar acima de R\$ 3.000.

Em uma análise para o estado de Goiás, verifica-se um comportamento atípico dos gastos domiciliares com feijão e farinha de trigo, pois no caso do feijão (R\$ 7,30) há um elevado consumo deste item quando o rendimento é superior a R\$ 3.000,00. A farinha de trigo (R\$ 1,74) apresentou nesta classe de rendimento seu maior gasto. Outro ponto de destaque é o gasto com alimentos prontos, que nos rendimentos inferiores a R\$ 400,00 era de centavos (R\$ 0,13), e que passou para R\$ 13,76 na classe mais elevada, portanto um aumento de 10.485%.

No Distrito Federal, a característica mais evidente foi o declínio de 7% nos gastos domiciliares com as carnes quando o rendimento familiar é maior que R\$ 3.000,00, em relação a classe de renda de R\$ 1.600,00 a R\$ 3.000,00. Outro fator

de destaque, é o maior gasto com feijão, o maior dentre todas as classes, quando o rendimento é de R\$ 1.600,00 até R\$ 3.000,00. O Distrito Federal apresentou também o mais elevado gasto com alimentação fora de casa, R\$ 223,91 para o nível de renda de mais de R\$ 3.000,00.

3.4 Gasto domiciliar médio mensal por escolaridade da mulher na região Centro-Oeste

Em uma análise do gasto domiciliar médio com alimentos, considerando o nível de escolaridade da mulher, observa-se que para as mulheres sem instrução no Brasil, as carnes são o item mais representativo, com um gasto mensal médio de R\$ 42,42. Em segundo lugar aparece a alimentação fora de casa (R\$ 25,71) e o arroz (R\$ 17,52), conforme a Tabela 5. Já na região Centro-Oeste, o gasto com carnes é de R\$ 32,07, tendo o arroz como segundo item mais representativo, R\$ 23,67, seguido da alimentação fora de casa (R\$ 20,79). Todas as médias do Centro-Oeste são inferiores as médias do Brasil, exceto o caso do arroz e da farinha de trigo.

Tabela 5 - Gasto domiciliar médio mensal, Brasil e região Centro-Oeste, por escolaridade da mulher – 2002-2003

PRODUTOS	GASTO DOMICILIAR MÉDIO MENSAL – EM R\$				
	Brasil				
	Total	Níveis de instrução da mulher chefe de família ou cônjuge			
		Sem Instrução	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
Arroz	14,16	17,52	16,73	9,92	8,96
Feijão	8,01	11,09	9,08	5,89	4,33
Farinha de Trigo	2,54	2,44	3,30	1,81	1,59
Carnes*	45,14	42,42	45,48	48,60	53,03
Iogurte	1,93	0,52	1,45	2,98	4,63
Pão	16,84	9,96	15,94	20,42	28,14
Refrigerantes e sucos	8,40	3,76	6,94	11,03	18,51
Alimentação F. de casa	66,80	25,71	45,99	79,95	186,97
Alimentos Prontos	5,43	1,29	3,28	7,91	17,22
	Região Centro-Oeste				
Arroz	18,23	23,67	21,60	13,39	12,84
Feijão	6,80	8,60	7,84	5,18	4,52
Farinha de Trigo	2,00	2,66	2,39	1,66	1,45
Carnes*	40,04	32,07	41,03	43,09	49,14
Iogurte	1,45	0,41	1,16	2,06	3,41
Pão	12,64	6,59	11,28	16,52	22,10
Refrigerantes e sucos	7,58	3,63	6,35	9,59	16,19
Alimentação F. de casa	57,74	20,79	38,79	63,85	161,39
Alimentos Prontos	3,57	1,13	2,41	4,49	12,34

Fonte: Dados da pesquisa, obtidos a partir do IBGE (2004b).

Nota: * Carnes bovina, suína e de frango.

Quando a mulher tem pelo menos o ensino fundamental, a alimentação fora de casa passa a ser o item de maior gasto da cesta de alimentos em análise para o Brasil, R\$ 45,99, ligeiramente acima da média do gasto com carnes (R\$ 45,48). No Centro-Oeste, as carnes permanecem como o produto detentor do maior gasto familiar, com R\$ 41,03, todavia com uma menor diferença para a alimentação fora de casa (R\$ 38,79), que apresenta um gasto familiar mais elevado do que o gasto com arroz (R\$ 21,60).

Quando as mulheres chefe de família ou cônjuge possuem o ensino médio ou o ensino superior, tanto para o Brasil quanto para a região Centro-Oeste se verifica uma queda no gasto domiciliar com arroz, feijão e farinha de trigo, produtos considerados “tempo intensivos”, enquanto que o gasto com os produtos “poupadores de tempo” - iogurte, pão, refrigerantes e sucos, alimentos prontos e alimentação fora de casa - aumenta. O que confirma a hipótese de relação inversa entre o custo de oportunidade do tempo da mulher e o consumo de alimentos que demandam um maior tempo para o seu preparo e uma relação direta com os alimentos mais práticos e fáceis de preparar.

Tabela 6 - Gasto domiciliar médio mensal nos estados da Região Centro-Oeste, por escolaridade da mulher – 2002-2003

PRODUTOS	GASTO DOMICILIAR MÉDIO MENSAL – EM R\$				
	Região Centro-Oeste				
	Total	Níveis de instrução da mulher chefe de família ou cônjuge			
		Sem Instrução	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
Mato Grosso do Sul					
Arroz	17,88	31,50	20,69	10,64	9,39
Feijão	6,03	8,92	7,08	3,62	3,80
Farinha de Trigo	3,40	4,64	4,10	2,47	2,54
Carnes*	42,95	37,16	41,16	49,64	63,46
Iogurte	1,43	0,81	1,07	2,15	4,14
Pão	11,40	6,82	11,08	13,93	17,55
Refrigerantes e sucos	7,43	5,33	6,15	10,77	16,04
Alimentação F. de casa	56,32	30,22	42,05	67,87	113,39
Alimentos Prontos	4,26	1,15	2,42	6,12	17,75
Mato Grosso					
Arroz	18,77	29,32	20,67	14,47	12,50
Feijão	7,27	12,01	8,05	5,04	4,66
Farinha de Trigo	3,79	5,47	4,72	2,46	2,51
Carnes*	41,37	34,26	43,68	41,76	46,29
Iogurte	1,18	0,21	0,96	1,89	2,94
Pão	8,98	4,50	7,21	13,00	19,86
Refrigerantes e sucos	7,55	3,20	7,02	10,01	11,72
Alimentação F. de casa	42,17	19,54	26,35	60,75	97,04
Alimentos Prontos	4,04	2,08	1,87	7,04	17,66
Goiás					
Arroz	20,46	20,39	24,64	14,61	14,22
Feijão	7,50	7,30	8,75	5,82	3,90
Farinha de Trigo	1,10	0,88	1,18	1,53	0,66
Carnes*	39,62	30,32	41,96	42,79	42,49
Iogurte	1,09	0,34	0,87	1,48	3,02
Pão	12,23	5,58	11,13	17,21	23,31
Refrigerantes e sucos	6,42	2,88	6,01	8,39	11,65
Alimentação F. de casa	42,10	14,99	31,83	50,27	102,98
Alimentos Prontos	2,45	0,50	2,48	2,07	8,73
Distrito Federal					
Arroz	12,38	7,83	14,23	11,73	13,46
Feijão	5,29	5,95	5,60	5,09	5,48
Farinha de Trigo	0,73	0,32	0,82	0,56	1,15
Carnes*	36,62	23,62	34,11	40,53	49,64
Iogurte	2,68	0,39	2,52	3,35	3,66
Pão	19,13	17,69	17,73	20,39	24,44
Refrigerantes e sucos	10,66	4,98	6,74	10,77	23,15
Alimentação F. de casa	116,16	34,61	74,61	91,65	279,42
Alimentos Prontos	5,12	2,18	2,93	5,74	10,50

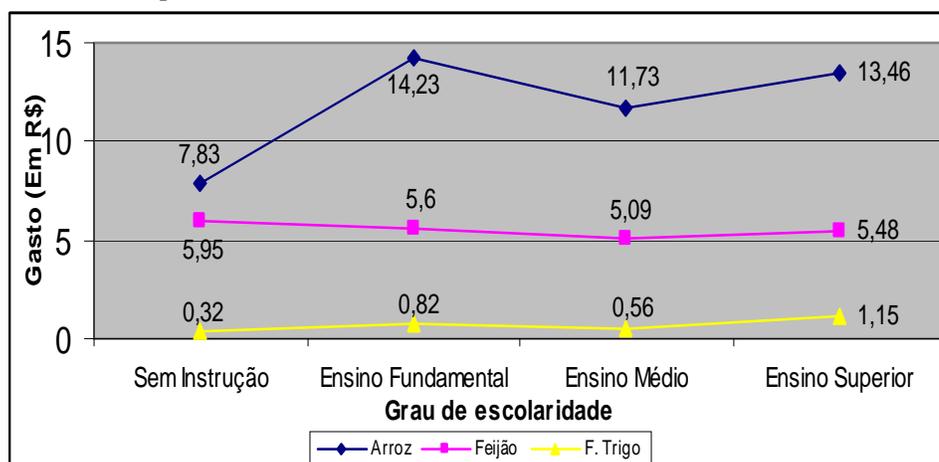
Fonte: Dados da pesquisa, obtidos a partir do IBGE (2004b).

Nota: * Carnes bovina, suína e de frango.

Comportamento semelhante ao observado para o Brasil e a média do Centro-Oeste, no que se refere a escolaridade da mulher e ao gasto com alimentos, também pode ser verificado para os estados da região, como pode ser observado na Tabela 6. O que confirma a importância dessa variável na análise dos padrões de gasto e consumo alimentares.

O Distrito Federal apresentou um comportamento atípico, pois enquanto todos os estados da região Centro-Oeste apresentaram quedas nos gastos com arroz, feijão quando o grau de escolaridade é superior, a capital brasileira apresentou crescimento para estes alimentos, bem como para a farinha de trigo, como pode ser observado no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Gasto domiciliar médio mensal com arroz, feijão e farinha de trigo no Distrito Federal, por nível de escolaridade da mulher



Fonte: Dados da pesquisa, obtidos a partir do IBGE (2004).

3.5 Gasto domiciliar médio mensal por trabalho da mulher na região Centro-Oeste

Em uma análise de gasto domiciliar médio considerando o trabalho da mulher, observa-se, conforme a Tabela 7, que nas famílias onde a mulher trabalha há um gasto inferior com os alimentos que demandam um maior tempo para o seu preparo, arroz, feijão e farinha de trigo, em relação aos lares onde a mulher não trabalha. Por outro lado, se verifica um gasto mais elevado com os produtos poupadores de tempo, iogurte, refrigerantes e sucos, alimentos prontos e alimentação fora de casa. Resultados esses que vem de encontro ao observado quando se analisou o gasto considerando o nível de instrução da mulher (Tabela 6).

Tabela 7 - Gasto domiciliar médio mensal na região Centro-Oeste, por trabalho da mulher – 2002-2003.

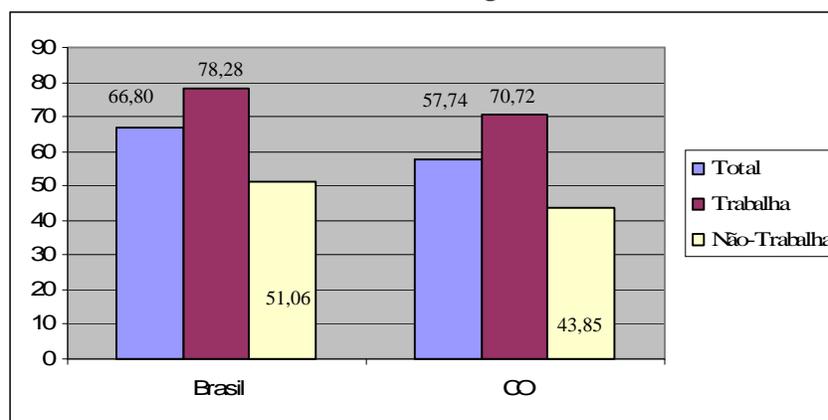
PRODUTOS	GASTO DOMICILIAR MÉDIO MENSAL – EM R\$					
	Região Centro-Oeste					
	Trabalha			Não Trabalha		
	Total	Urbano	Rural	Total	Urbano	Rural
Arroz	17,80	15,69	41,40	20,13	18,94	27,24
Feijão	6,02	5,45	12,37	7,80	7,35	10,52
Farinha de Trigo	1,98	1,58	6,45	2,30	1,94	4,48
Carnes*	42,68	41,85	51,92	40,38	39,26	47,07
Iogurte	1,62	1,70	0,74	1,43	1,55	0,68
Pão	14,27	15,00	6,10	11,99	13,51	2,89
Refrigerantes e sucos	8,53	8,60	7,73	7,11	7,42	5,28
Alimentação F. de casa	65,84	67,45	47,82	43,85	46,97	25,22
Alimentos Prontos	4,09	4,33	1,45	3,31	3,72	0,85

Fonte: Dados da pesquisa, obtidos a partir do IBGE (2004b).

Nota: * Carnes bovina, suína e de frango.

Destaca-se que, conforme demonstrado por Schlindwein e Kassouf (2007a), a região Centro-Oeste, é a segunda colocada em consumo domiciliar médio de farinha de trigo, ficando atrás apenas da região Sul. No caso do feijão, arroz e farinha de trigo o maior consumo em lares em que a mulher não trabalha pode ainda ser explicado pelo fator tempo, uma vez que essas mulheres teriam mais tempo para o preparo desses alimentos, devendo haver, neste caso, também um menor gasto domiciliar com alimentação fora de casa, o que pode ser confirmado com a Figura 1.

Figura 1 - Gasto domiciliar médio mensal com alimentação fora de casa, considerando o trabalho da mulher – Brasil e Região Centro-Oeste



Fonte: Dados da pesquisa, obtidos a partir de IBGE (2004b).

De acordo com a Figura 1 verifica-se que tanto para o Brasil quanto para a região Centro-Oeste o gasto com alimentação fora de casa é maior nos domicílios em que a mulher trabalha. Enquanto se gasta em média no Brasil R\$ 66,80 com alimentação fora de casa, nas famílias em que a mulher trabalha esse gasto passa para R\$ 78,28, e nos lares em que a mulher não trabalha o referido gasto é de R\$ 51,06. Para uma análise da região Centro-Oeste é importante destacar que em

comparação com as grandes regiões do Brasil, esta região possui um gasto médio mensal com alimentação fora de casa maior do que o registrado nas regiões Nordeste e Norte, porém menor do que o observado nas regiões Sul e Sudeste (SCHLINDWEIN; KASSOUF, 2007a). Enquanto se gasta em média nos domicílios do Centro-Oeste R\$ 57,74 com alimentação fora de casa, quando a mulher chefe de família ou cônjuge trabalha esse valor passa para R\$ 70,72, contra um gasto de R\$ 43,85 quando a mulher não trabalha. Além de se esperar um maior nível de renda familiar quando a mulher trabalha, também deve-se considerar o fator tempo, uma vez que quando a mulher não trabalha supõe-se que ela teria mais tempo para o preparo dos alimentos no domicílio e, por outro lado, quando ela trabalha teria menos tempo para o preparo de alimentos, principalmente “tempo intensivos”.

Tanto essa diferença nos gastos quanto no consumo dos alimentos pode ser melhor entendida pela discussão da teoria da Produção Domiciliar. Essa teoria discute a influência do custo de oportunidade do tempo da mulher sobre o padrão de consumo de alimentos e remonta a idéia da análise do padrão de consumo de alimentos nos domicílios levando em conta não apenas os insumos utilizados para o preparo dos mesmos, mas, também, o tempo necessário para isso.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo fazer uma análise preliminar da influência de alguns fatores socioeconômicos, como o nível de renda, a escolaridade e o trabalho da mulher, sobre o padrão de gasto alimentar domiciliar na região Centro-Oeste. Os resultados encontrados apontam para uma relação significativa entre essas variáveis e os padrões de consumo e gasto alimentar das famílias brasileiras.

Confirmou-se a relação do nível de escolaridade da mulher, fato já identificado por outros estudos, no padrão de gasto alimentar das famílias residentes na região Centro-Oeste brasileira. Tanto o nível de instrução da mulher chefe de família ou cônjuge, quanto o trabalho da mulher estão diretamente relacionados ao gasto com alimentos “poupadores de tempo” e inversamente relacionados ao gasto com alimentos “tempo intensivos”.

O nível de renda domiciliar também confirmou uma relação direta com o padrão de gasto domiciliar com alimentos “poupadores de tempo” como, pão, iogurte, refrigerantes e sucos e alimentos prontos. E, de certa forma uma relação inversa com os alimentos “tempo intensivos” feijão, arroz e farinha de trigo.

O Centro-Oeste está cada vez mais se destacando tanto na produção de alimentos quanto nos indicadores socioeconômicos. O que reforça a importância da utilização de pesquisas aplicadas de relação causa e efeito que investiguem a realidade regional.

Por fim, destaca-se que o foco central deste trabalho se refere a uma análise preliminar descritiva dos dados e que se pretende seguir o estudo com a estimação de equações de gasto, com o intuito de avaliar a influência de fatores como a escolaridade da mulher, o nível de renda familiar e a composição familiar sobre os gastos com alimentos. Essa análise será feita inicialmente para o estado de Mato Grosso do Sul, e num segundo momento para os demais estados da região Centro-Oeste. Para tanto, deverão ser estimadas equações de dispêndio por meio da utilização do modelo de Heckman.

Referências

BERTASSO, B.F. O consumo alimentar em regiões metropolitanas brasileiras análise da pesquisa de orçamentos familiares/IBGE 1995/96. 2000. 109 p. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2000.

HOFFMANN, R. A diminuição do consumo de feijão no Brasil. Estudos Econômicos, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 189-201, maio/ago. 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Área Territorial Oficial Consulta por Unidade da Federação. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/areaterritorial/principal.shtm>> Acesso em: 24 mar. de 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Comentários. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ppm/2007/comentarios.pdf>> f.> Acesso em: 27 mar. 2009

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Estimativas Populacionais para os municípios brasileiros em 01/07/2008. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/>>. Acesso em: 24 mar. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. População residente do Brasil, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2003-2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/contasregionais/2003_2006/tabela05.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Produto Interno Bruto a preços de mercado, segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2003-2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/contasregionais/2003_2007/tabela02.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. População: indicadores sociais: indicadores sociais mínimos. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 14 nov. 2004a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Pesquisa de orçamentos familiares 2002-2003: microdados: Brasil e grandes regiões. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Índices de Preços, 2004b. 1 CD-ROM.

McCRACKEN, V. A.; BRANDT, J. A. Household consumption of food-away-from-home: total expenditure and type of food facility. American Journal of Agricultural Economics, New York, v. 69, n. 2, p. 274-284, May, 1987.

PARK, J.L.; CAPPS, O. Jr. Demand for prepared meals by U.S. households. *American Journal of Agricultural Economics*, New York, v. 79, n. 3, p. 814-824, Aug. 1997.

PROCHASKA, F.J.; SCHRIMPER, R.A. Opportunity cost of time and other socioeconomic effects on away-from-home food consumption. *American Journal of Agricultural Economics*, New York, v. 55, n. 4, p. 595-603, Nov. 1973.

REDMAN, B.J. The impact of women's time allocation of expenditure for meals away-from-home and prepared foods. *American Journal of Agricultural Economics*, New York, v. 62, n. 2, p. 234-237, May 1980.

RUEL, M.T.; HADDAD, L.; GARRETT, J.L. Some urban facts of live: implications for research and policy. Washington, D.C.: International Food Policy Research Institute, Food Consumption and Nutrition Division – FCND, Apr. 1999. 21 p. (Discussion Paper, 64).

SAHA, A. , CAPPS, O. e BYRNE P. "Calculating marginal effects in models for zero expenditures in household budgets using Heckman-type correction". 1997. *Applied Economics*, 29, 1311-16.

SCHLINDWEIN, M.M. Influência do custo de oportunidade do tempo da mulher sobre o padrão de consumo alimentar das famílias brasileiras. 2006. 118 p. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2006.

SCHLINDWEIN, M.M.; KASSOUF, A.L. Análise da influência de alguns fatores socioeconômicos e demográficos no consumo domiciliar de carnes no Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*. Brasília: SOBER, vol. 44, n. 3, p. 549-572. jul/set 2006.

SCHLINDWEIN, M.M.; KASSOUF, A.L. Mudanças no padrão de consumo de alimentos tempo-intensivos e de alimentos poupadores de tempo, por região no Brasil. vol. 2. Brasília: Ipea, 2007a. 551p.

SCHLINDWEIN, M.M.; KASSOUF, A.L. Influência do custo de oportunidade do tempo da mulher sobre o padrão de consumo alimentar no Brasil. *Revista de Pesquisa e Planejamento Econômico*. Rio de Janeiro: Ipea, vol. 37, n. 3, p. 489-520. dez. 2007b.

SDRALI, D. Effects of sociodemographic and economic factors on food expenditure in a prefecture of Greece. Disponível em: <<http://www.lse.ac.uk/collections/hellenicObservatory/pdf/symposiumpaperonline/SDRALI.pdf>>. Acesso em: 3 fev. 2005.

SENAUER, B. The effect of demographic shifts and changes in the income distribution on food-away-from-home expenditure. *American Journal of Agricultural Economics*, New York, v. 61, n. 5, p. 1046-1057, Dec. 1979.

SENAUER, B.; SAHN, D.; ALDERMAN, H. The effect of the value of time on food consumption patterns in developing countries: evidence from Sri Lanka. *American Journal of Agricultural Economics*, New York, v. 68, n. 4, p. 920-927, Nov. 1986.

SICHERI, R.; CASTRO, J.F.G.; MOURA, A.S. Fatores associados ao padrão de consumo alimentar da população brasileira urbana. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, Supl. 1, p. 47-53, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2003000700006&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 26 jan. 2005.